



“EU SOU A PROVA VIVA DE QUE DEU CERTO”: ANÁLISE EM PERSPECTIVA DIALÓGICA DO DISCURSO DE BOLSONARO EM UMA COLETIVA DE IMPRENSA DURANTE A PANDEMIA

“I AM LIVING PROOF THAT IT WORKED”: ANALYSIS FROM A DIALOGIC PERSPECTIVE OF BOLSONARO’S SPEECH AT A PRESS CONFERENCE DURING THE PANDEMIC

Eleticia Elza Carneiro Podolak Strukoski*

 <https://orcid.org/0009-0002-3062-9208>
UNICENTRO

Cristiane Malinoski Pinaro Angelo**

 <https://orcid.org/0000-0003-2297-890X>
UNICENTRO

Resumo: Este artigo analisa um excerto do discurso de Jair Bolsonaro em uma coletiva de imprensa durante a pandemia de COVID-19, mobilizando, para tanto, o conceito de signo ideológico proposto pelo Círculo de Bakhtin. Com base na teoria dialógica de Bakhtin e Volóchinov, o estudo busca demonstrar como a linguagem reflete e refrata a realidade, influenciando a consciência social e servindo a interesses ideológicos. A análise sugere que os discursos nas coletivas de imprensa operam como arenas de luta de classes, nas quais a pluralidade dos signos é utilizada para construir narrativas que favorecem o governo, influenciam a opinião pública e legitimam

* Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Graduação em Letras Inglês e Literatura de língua Inglesa e Mestrado em Letras pela UNICENTRO. Professora de língua inglesa no Programa Multicultural de Línguas na UNICENTRO. E-mail: eleticia.c.p@gmail.com

** Pós-Doutorado em Letras-Estudos Linguísticos, pela Universidade Estadual de Maringá. Doutora em Letras, pela Universidade Estadual de Maringá. Possui graduação em Letras: Português/ Inglês pela Universidade Estadual do Centro-Oeste e mestrado em Letras: Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste, no curso de graduação em Letras: Português e do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado). Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de língua portuguesa; formação docente; dificuldades de aprendizagem.

decisões controversas. Conclui-se que a linguagem nas coletivas de imprensa é um campo de batalha ideológico, essencial para compreender o poder discursivo na política contemporânea.

Palavras-chaves: Signo Ideológico. Refração. Discurso Político. Coletiva de Imprensa.

Abstract: This article analyzes an excerpt of Jair Bolsonaro’s speech during a press conference held amidst the COVID-19 pandemic, mobilizing the concept of the ideological sign as proposed by the Bakhtin Circle. Based on the dialogical theory of Bakhtin and Volóchinov, the study seeks to demonstrate how language reflects and refracts reality, influencing social consciousness and serving ideological interests. The analysis suggests that speeches delivered in press conferences operate as arenas of class struggle, in which the plurivalence of signs is employed to construct narratives that favor the government, influence public opinion, and legitimize controversial decisions. It is concluded that language in press conferences constitutes an ideological battleground, essential for understanding discursive power in contemporary politics.

Keywords: Ideological sign. Refraction. Political Discourse. Press conference.

Considerações iniciais

O estudo da linguagem como fenômeno social e ideológico ganhou novos contornos a partir das contribuições do Círculo de Bakhtin, formado por teóricos como Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medviédov. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), a linguagem é compreendida não como expressão psicológica individual, nem como sistema fechado e autônomo, mas como produto da interação social, atravessado por ideologias e dinâmicas históricas. Nesse sentido, todo signo, especialmente a palavra, reflete e refrata a realidade social, servindo a interesses e posicionamentos valorativos.

Tomando essa perspectiva como fundamento teórico, este artigo propõe uma análise de como o conceito de signo ideológico pode ser mobilizado para interpretar um discurso proferido por Jair Bolsonaro durante uma coletiva de imprensa no contexto da pandemia de COVID-19. A escolha desse recorte busca sugerir como a linguagem, nas esferas da comunicação pública e da política, pode ser compreendida como arena de lutas ideológicas, refratando conflitos sociais e disputas de sentido.

As coletivas de imprensa, enquanto gênero discursivo da esfera político-midiática, constituem espaços privilegiados para a observação desse processo. Nelas, as palavras não apenas comunicam informações, mas também possibilitam a construção de realidades, a negociação de valores e a formação de consciências, pois: “os discursos políticos e midiáticos são impregnados de estratégias persuasivas que visam legitimar certas visões de mundo” (Thompson, 1990, p. 57), refletindo a intenção de influenciar a opinião pública. A análise do discurso selecionado busca indicar, em situação concreta de enunciação, como o signo ideológico atua na refração da realidade e na construção de narrativas de legitimidade política.

Signo ideológico e palavra no Círculo BMV

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, uma das obras do Círculo de Bakhtin, ou Círculo de Bakhtin, Medvedev e Volóchinov (doravante, Círculo MVD) mais estudadas em diversas áreas e vertentes, Volóchinov (2017 [1929]) apresenta e discute criticamente duas tendências do pensamento linguístico-filosófico, denominadas de “Subjetivismo idealista” e “Objetivismo abstrato”. Com relação à primeira tendência, o subjetivismo idealista, “(...) a sua definição mais simples e grosseira [da linguagem] é a seguinte: algo que se formou e se definiu de algum modo no psiquismo do indivíduo sendo objetivado para fora, para os outros com a ajuda de alguns signos externos” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 202, ênfase no original). A segunda tendência, o objetivismo abstrato, põe em evidência “(...) a realidade e a objetividade imediatas da língua como um sistema de formas normativas idênticas” (Volóchinov, 2017 [1929], p.176). No primeiro caso, portanto, defende-se que a linguagem se desenvolve sem intervenções externas, naturalmente, como uma característica inerente do ser humano. No segundo, considera-se a língua um sistema pronto, independente tanto do indivíduo quanto do ambiente externo, apenas disponível ao uso para o ser humano, por isso sempre idêntico.

O Círculo BMV não corrobora com nenhuma das tendências apresentadas, porém, não as desconsidera, nem colhe de cada uma delas definições que, somadas, instituem uma posição central. Como aponta Volóchinov (2017 [1929], p. 199–200) “(...) suponhamos que aqui, como sempre, a verdade não se encontre no meio-termo nem seja um compromisso entre a tese e a antítese, ficando fora e além dos seus limites e negando tanto a tese quanto a antítese, ou seja, representando uma síntese dialética”. Grillo, em ensaio introdutório a *Marxismo e filosofia da linguagem*, explica que “o procedimento dialético visa avaliar os limites de dois opostos, a fim de ultrapassá-los (...)” (2017, p.53). O Círculo avalia os limites do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato e trabalha no sentido de ultrapassá-los. Assim, Volóchinov (2017 [1929]) defende que:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (Volóchinov, 2017 [1929], p. 218-219).

Podem-se destacar, desse trecho, algumas chaves para a compreensão do pensamento do Círculo russo, a primeira delas concernente à expressão “interação discursiva”. Volóchinov (2017 [1929]) se afasta das duas tendências anteriormente referidas e destaca que a linguagem só pode ser compreendida no ambiente social, no diálogo entre interlocutores, ou seja, que não existe linguagem puramente sistêmica ou psicológica, pois a sua verdadeira realidade depende da vitalidade que a língua adquire na sociedade, em meio aos indivíduos, em um contexto delimitado, mediante a dinamicidade da história. Assim, na perspectiva do Círculo, sustenta-se, também, o primado ideológico da linguagem, o que conduz a discussão ao domínio do signo e da palavra.

Seidel e Silva (2017) destacam que o conceito de *signo* é fundamental para a compreensão do fenômeno linguístico e seu funcionamento; também pontuam a existência de duas concepções distintas de signo: o signo linguístico e o signo ideológico. O primeiro remete, principalmente, a Saussure, representante, de acordo com Volóchinov (2017 [1929]), do objetivismo abstrato; o segundo fundamenta as obras do Círculo. Para ambas as concepções o signo é constituído

por duas faces. O signo linguístico, nas considerações de Saussure (2017), é a união entre um significante e um significado; ambos psíquicos, presentes como um sistema na mente do indivíduo. Por outro lado, o signo ideológico surge de uma relação dupla, mútua: procede de alguém e se dirige a alguém (SEIDEL; SILVA, 2017). Há, ainda, para os estudiosos, uma oposição fundamental entre “valor na língua” e “valor no mundo”:

O signo, para Saussure, é estável e compreensível apenas em seu valor na língua, já que esta é sempre recebida pela massa de falantes como uma herança ou um produto da época precedente, em que a relação entre significante e significado não é mediada pela experiência, mas baseada em um conjunto de normas. Ao contrário, para Bakhtin/Volochínov, o signo é concebido em função de seu valor no mundo, isto é, tendo em vista o campo da experiência humana (SEIDEL; SILVA, 2017, p.184).

Destaque-se, ainda, que o signo, para o Círculo BMV, é ideológico, porque com ele o indivíduo toma posição no mundo:

Aqui é importante lembrar que, para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles, não existe enunciado não ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica). (FARACO, 2003, p. 47)

Essas discussões tornam-se particularmente relevantes quando consideramos a dinâmica das coletivas de imprensa, nas quais a linguagem não é apenas um veículo de comunicação, mas um instrumento de poder e refração da realidade. Os discursos oficiais, as perguntas dos jornalistas e a interpretação dos ouvintes, refletem as posições ideológicas e as disputas de poder em jogo, confirmando a noção de que a linguagem só pode ser compreendida em seu contexto social, como uma interação discursiva que ocorre em um ambiente historicamente delimitado. Cada palavra proferida é um signo ideológico que além de comunicar, também reflete refrata a realidade política e social.

Segundo Volóchinov (2017 [1929]), um signo não só reflete, mas, principalmente, refrata uma realidade. Um produto de consumo, por exemplo, pode ser transformado em signo ideológico, no entanto, por si só, é apenas um produto de consumo, pois a realidade da refração é a criação de um mundo particular: o mundo dos signos. Para explicar esse conceito, um dos exemplos usados por Volóchinov (2017 [1929]) é o sacramento da comunhão cristã. Nesse caso, pão e vinho passam de produtos de consumo a signo ideológico, pela refração. Para quem vive a religião, a comunhão reconstrói o sacrifício de Cristo, bem como a Santa Ceia com os apóstolos descrita nos livros bíblicos. Esse signo ideológico cria uma realidade, opera a refração. Por outro lado, um ateu terá uma percepção diferenciada. O pão e o vinho continuarão sendo signos, porém, a realidade refratada dirá muito mais respeito à certa aberração vista por esse sujeito em relação a algo que ele não crê. Isso ocorre porque “(...) num único signo se refletem

e acompanham-no relações de classes diversas” (Volochínov, 2013a [1930], p. 195), por isso, há variações na compreensão.

Volóchinov (2017 [1929]) destaca que o signo – ao contrário do que afirmavam as tendências apresentadas anteriormente – é um fenômeno do mundo externo. Isso significa que nasce no ambiente social, na interação e, depois, é absorvido pela consciência individual de cada sujeito, no processo de compreensão dialógica. Por esse motivo, o autor afirma que só pode haver uma definição clara de consciência que parta do aspecto sociológico: “(...) uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 95). Para explicar a noção de consciência, Volochínov (2013b [1930]) propõe o exercício da reflexão acerca de um problema/tema qualquer:

Fechemos os olhos e comecemos a refletir sobre esse problema. A primeira coisa que captaremos em nós mesmos será uma espécie de fluxo de palavras, às vezes ligadas a frases definidas, mas na maior parte das vezes soltas numa dança ininterrupta de mudanças de pensamentos, de expressões habituais, de impressões gerais provocadas por objetos e por fenômenos da vida fundidos num único conjunto. Essa multicolorida caleça verbal se move o tempo todo, quer afastando-se, quer aproximando-se ao tema fundamental, o problema sobre o qual estamos refletindo.

Chamaremos a esse fluxo de palavras que observamos em nós mesmos de *linguagem interior*. Se observarmos atentamente nosso interior veremos que, no fim das contas, nenhum ato de consciência pode ser realizado sem ele. Inclusive quando surge uma sensação puramente fisiológica – por exemplo, a sensação de fome ou de sede – para necessariamente expressá-la de algum modo, incorporando-a ao material da linguagem interior. Essa expressão de uma necessidade puramente fisiológica está condicionada, desde o começo, pela vida cotidiana e social, pelo ambiente em que vivemos, como o está também a sensação (Volochínov, 2013b [1930], p. 146-147).

Então, a consciência para o Círculo BMV é a linguagem interior, a qual, segundo Volochínov (2013b [1930]), é um fluxo de palavras. Esse ponto é relevante para pensar a questão do signo ideológico, pois “a palavra é um fenômeno ideológico *par excellence*. Toda sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo (...)” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 98).

Em sintonia com as proposições de Volóchinov, Medviédev (2019 [1928]) expõe sua posição a respeito do caráter concreto dos produtos da criação ideológica:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas ‘almas’ das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem (MEDVIÉDEV, 2019 [1928], p.48-49).

Ao se referir às palavras, às ações, às maneiras, às roupas, a qualquer material em forma de um signo determinado, o teórico do Círculo põe em evidência como cada um desses elementos aponta para concepções de mundo, crenças, realidades ideológicas específicas, e valores sociais de indivíduos organizados socialmente. Dessa forma, Medviédev (2019 [1928]) também traz para a palavra essa particularidade de fenômeno ideológico.

Volóchinov (2017 [1929]) aponta outras quatro particularidades do signo:

a) a palavra é um signo neutro, pois não tem compromisso necessário com nenhum campo ideológico específico, pode assumir qualquer função;

b) é o material mais usual da comunicação cotidiana;

c) é o material sógnico da vida interior, ou seja, compõe a consciência, aquele “fluxo de palavras”;

d) acompanha todo ato de criação ideológica, pois “(...) está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.101). A palavra, nessa concepção, afasta-se das perspectivas abstratas de um componente de dicionário ou léxico, e se liga ao social pelo conceito de *signo*.

É importante observar, contudo, que essa neutralidade atribuída à palavra refere-se apenas à sua possibilidade de ser apropriada por diferentes campos ideológicos. No uso concreto da comunicação, a palavra nunca é neutra: ela sempre expressa valores sociais e posições axiológicas. Dessa forma, a aparente neutralidade do signo só existe em nível potencial, enquanto sua realização efetiva está inevitavelmente ligada a disputas de sentido e a embates ideológicos.

Nesse sentido, torna-se essencial destacar a refração e a consequente plurivalência social ou multiacentuação do signo, compreendida pelo Círculo BMV como uma característica inerente da linguagem na vida social:

O que determina a refração da existência no signo ideológico? O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sógnica, isto é, a luta de classes. (...) em decorrência disso, *em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas*. O signo transforma-se no palco de lutas de classes. Essa *multiacentuação* do signo ideológico é um aspecto muito importante. Na verdade, apenas esse cruzamento de acentos proporciona ao signo a capacidade de viver, de movimentar-se e de desenvolver-se (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.112-113, ênfase no original).

A palavra não é uma coisa, mas um ambiente eternamente móvel, eternamente mutável do intercâmbio social. Ela nunca é suficiente a uma só voz, uma só consciência. A vida da palavra está na passagem de boca em boca, de um contexto a outro, de um grupo social a outro, de uma geração a outra.

Destaque-se que *palavra*, para o Círculo, é análogo a *discurso* (Stella, 2005). Segundo Stella (2005, p. 183), o sentido dado à palavra enquanto discurso equivale à utilização que se faz dela na expressão “a palavra de Deus”. Nesse exemplo, não se está fazendo referência a um grupo de palavras que compõem o vocabulário de uma língua e que foram “utilizadas por Deus”, mas aponta-se para o “discurso divino”, ou seja, toda a cultura, as regras, os ensinamentos, o modo de vida, a organização social, a história, que é repassado por meio dos enunciados bíblicos, atribuídos a Deus pela tradição religiosa. A palavra é discurso justamente por sua função de signo, composta pela historicidade, pelas relações sociais, e pelas contradições entre as diversas classes que compõem a sociedade. Pode-se, em diálogo com o exemplo, estabelecer um paralelo com os processos de ensino e aprendizagem. Ao se afirmar, como Geraldini (1997 [1991]), que é necessário considerar a *palavra* dos alunos, faz-se referência à sua posição, sua

história, sua cultura, seus ensinamentos e seu discurso, e não apenas à escolha do uso de uma forma vocabular para determinado fim.

Desse modo, longe de ser uma entidade isolada, o *signo* ganha vida e significado dentro do enunciado, que, por sua vez, é sempre um produto da interação social, marcado pela avaliação do falante e pelas circunstâncias históricas e sociais de sua produção. A compreensão do discurso político em coletivas de imprensa exige, portanto, a integração da noção de gênero discursivo. As coletivas, enquanto gêneros secundários com padrões relativamente fixos de tema, estilo e estrutura, fornecem o arcabouço dentro do qual os signos ideológicos são empregados e adquirem ressonâncias particulares, afetando tanto a criação quanto a interpretação dos enunciados políticos. Assim, uma análise completa demanda examinar a dinâmica entre o signo ideológico, o enunciado específico que o veicula e o gênero discursivo que o formata, pois o gênero estabelece expectativas e normas que influenciam a escolha e o uso dos signos, assim como a construção do enunciado para atingir seus objetivos axiológicos.

Em suma, a palavra-discurso ganha vida na interação social, ao compor os enunciados concretos; portanto, não é sinônimo de vocábulo descontextualizado. É palavra-signo, inteiramente determinada pelas relações sociais e pelas formas sociais de comunicação, a saber, os gêneros do discurso.

Aspectos metodológicos da pesquisa

Este artigo constitui um recorte da pesquisa desenvolvida no âmbito de uma tese de doutorado, que investiga como os discursos de Jair Bolsonaro e Donald Trump, em coletivas de imprensa sobre a pandemia de COVID-19, refletiram, refrataram e intensificaram as divisões políticas e sociais em seus respectivos países. A pesquisa mais ampla propõe analisar a heteroglossia, os horizontes semântico-axiológicos, as estratégias discursivas, as relações extralinguísticas e o papel do Supradestinatório nesses discursos presidenciais.

Para fins deste artigo, optou-se pela análise de um recorte específico: o discurso proferido por Jair Bolsonaro em Belém (PA), no dia 13 de agosto de 2020, durante a inauguração de uma obra pública. Este discurso foi selecionado em função de sua relevância política e axiológica, representando de maneira emblemática a defesa do uso da cloroquina como tratamento para a COVID-19, questão que polarizou a sociedade brasileira e se tornou central na gestão da pandemia.

O então Presidente frequentemente se reunia com líderes locais e apoiadores para reforçar suas políticas e buscar apoio em meio às críticas que recebia de outros setores durante situações como essa. Esse discurso ocorre em um período de intensa tensão política e social no Brasil, no qual os governos estaduais e municipais estão em conflito com o governo federal sobre as melhores maneiras de enfrentar a pandemia.

Temos dois problemas pela frente. O vírus e o desemprego. E ambos devem ser tratados com a devida responsabilidade. Nessa esteira o governo rolou dívidas, adiantou recursos, compensou perdas de ICMS e de ISS pra estados e municípios. Combatemos o desemprego lá atrás. Obras são importantes, sabemos. A vida não tem preço. Mas o desemprego leva à depressão e leva

também à doença e à morte. Destinamos também a esse Estado maravilhoso aqui, mesmo sem comprovação científica, mais... mais de 400.000 unidades de cloroquina para o tratamento precoce da população. Eu sou a prova viva que deu certo. Muitos médicos defendem esse tratamento. E sabemos que mais de 100.000 pessoas morreram no Brasil, que casos tivessem sido tratadas lá atrás com esse medicamento poderiam essas vidas terem sido evitadas. E mais ainda, aqueles que criticaram a hidroxicloroquina não apresentaram alternativas. E eu tenho o orgulho de dizer a vocês que estamos com um ano e meio de governo sem um... uma sequer denúncia de corrupção. Se porventura isso ocorrer, nós tomaremos as medidas cabíveis. (BOLSONARO, 2020)

As coletivas de imprensa, entendidas como gênero discursivo secundário (Bakhtin, 2016), pertencem à esfera político-midiática e caracterizam-se pela interação formal entre representantes do governo, a imprensa e a sociedade. Tais eventos organizam-se em torno da transmissão de informações públicas e da disputa de sentidos sobre acontecimentos de alta relevância social.

O recorte analítico adotado neste estudo considerou o contexto histórico de alta tensão política e sanitária no Brasil, marcado pela intensificação dos conflitos sobre as medidas de enfrentamento à pandemia. Embora a pesquisa de tese contemple um conjunto maior de coletivas de imprensa, neste artigo procedeu-se a uma análise exploratória de um único enunciado, a fim de exemplificar, a partir de um caso concreto, o funcionamento dos signos ideológicos na construção e refratação da realidade.

Os critérios de seleção do discurso incluíram a relevância política do tema abordado, sua ampla circulação pública (*YouTube* e imprensa escrita), e o posicionamento explícito em defesa de políticas controversas. Tal escolha visa possibilitar a observação da dialogia, da refração da realidade e da mobilização de valores axiológicos no interior do discurso presidencial, atendendo aos pressupostos metodológicos da Análise Dialógica do Discurso (ADD).

Com base nessas reflexões, conclui-se que o discurso analisado poderá indicar a atuação do signo ideológico nas coletivas de imprensa, evidenciando a complexidade das relações entre linguagem, poder e consciência social. A seguir, inicia-se a seção de análise dos dados, que está organizada em cinco partes: (1) O signo ideológico nas coletivas de imprensa; (2) As particularidades do signo; (3) Reflexão e refração da realidade; (4) Signo ideológico e consciência social; e (5) Pluralidade social do signo. Cada parte busca explorar diferentes dimensões do discurso, sugerindo caminhos para uma posterior investigação mais aprofundada.

Análise dos dados

O signo ideológico nas coletivas de imprensa

As coletivas de imprensa podem ser um excelente exemplo de como os signos ideológicos se manifestam e operam na sociedade. Durante essas coletivas, líderes políticos e outros representantes oficiais utilizam a linguagem não apenas para transmitir informações, mas também para direcionar percepções, influenciar a opinião pública e consolidar poder.

Como gênero discursivo, as coletivas de imprensa configuram-se como gêneros secundários, conforme a definição de Bakhtin (2016, p. 262-263), caracterizando-se pela estabilidade relativa de seu conteúdo temático, estilo e composição estrutural. Inseridas na esfera político-midiática, essas coletivas têm como propósito central a exposição pública de informações e o gerenciamento de percepções sociais, articulando discursos institucionais e interações com a imprensa. De acordo com Pereira e Rodrigues (2010, p.151-152), a análise de linguagem sob a perspectiva Bakhtiniana requer a consideração do contexto histórico de produção, dos interlocutores envolvidos e dos valores axiológicos que atravessam o enunciado. Estruturadas em torno de uma sequência típica, isto é, pronunciamento inicial seguido de perguntas e respostas, as coletivas de imprensa manifestam o embate de vozes sociais, evidenciando a dialogia e a luta ideológica que permeiam a linguagem pública.

As coletivas de imprensa, enquanto gênero da esfera político-midiática, materializam enunciados ideológicos que refratam e refletem a luta de sentidos em contextos históricos específicos, criando um mundo particular de significados. A presença de um signo estabelece uma conexão com o mundo exterior. A realidade adentra o signo, reflete e refrata nele, mas essa refração sempre é inclinada, pois ao entrar no signo, a realidade o submete às normas da vida ideológica (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Esse fenômeno é evidente nas coletivas de imprensa, nas quais os líderes usam estratégias retóricas para influenciar a percepção dos acontecimentos. Os líderes refratam a realidade para os seus objetivos ideológicos, usando termos específicos e concentrando-se em certos aspectos dos eventos. Por exemplo, durante a pandemia de COVID-19, as coletivas de imprensa de líderes de várias nações revelaram como o discurso oficial pode ser usado para gerenciar crises, responsabilizar ou exonerar certos grupos e promover agendas políticas específicas. As palavras, o tom do discurso e até mesmo as expressões não verbais são repletas de significados ideológicos. Eles interpretam e distorcem a situação para apoiar a posição de um líder ou governo. Quando um líder usa palavras como “guerra” contra o vírus, ele não apenas divulga as estratégias para combater a pandemia, mas também cria uma narrativa de sacrifício e unidade, ao mesmo tempo em que pode justificar controles mais severos.

Desse modo, as coletivas de imprensa podem ser vistas como arenas onde diferentes índices de valor axiológico se confrontam (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). De um lado, temos o discurso oficial do governo, que busca transmitir uma imagem de controle e eficácia. De outro, temos as perguntas dos jornalistas, que muitas vezes tentam desafiar ou revelar inconsistências no discurso oficial. Além disso, a relação dialógica não se limita aos interlocutores diretos; ela também existe entre o discurso e aqueles que escutam a coletiva, que interpretam e reagem ao conteúdo de acordo com suas próprias posições axiológicas. Essa interação dialógica entre governo, imprensa e público, reflete a luta de classes e os interesses sociais em jogo, tornando as coletivas de imprensa um espaço altamente significativo no estudo dos signos axiológicos.

Além disso, as coletivas de imprensa demonstram claramente como a linguagem é um fenômeno do mundo externo, nascendo na interação social e depois sendo absorvida pela consciência individual. Cada declaração feita pelo líder durante a coletiva é um signo ideológico que será interpretado de diferentes maneiras por diferentes grupos sociais, dependendo de suas posições e interesses. Nesse sentido, Volóchinov (2017 [1929]), p. 95) afirma que “(...) uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico,

isto é, pelos signos, portanto, apenas no processo de interação social”. Por exemplo, vários grupos sociais podem ver a mesma coletiva de imprensa de maneiras totalmente diferentes. As medidas anunciadas podem ser vistas por um grupo como necessárias e eficazes, enquanto outras pessoas podem considerá-las autoritárias e excessivas. Embora em todo signo ideológico cruzem-se índices de valor contraditórios (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), essa diversidade de interpretações reflete a plurivalência social do signo ideológico.

Assim, pode-se afirmar que as coletivas de imprensa são espaços onde se desenrolam confrontos de interesses sociais, e onde a linguagem atua como um campo de batalha ideológico. A palavra, nesse contexto, é um signo vivo e móvel, capaz de evoluir e mudar de significado à medida que transita de um contexto social a outro. Como Volóchinov (2017 [1929], p. 112) aponta, “(...) a palavra como a conhecemos reflete sensivelmente as mudanças mais sutis da existência social”.

Por fim, é importante ressaltar que a linguagem usada nas coletivas de imprensa faz parte da realidade social e política, e não é apenas uma representação passiva dos eventos. Ao compor enunciados concretos, a palavra-discurso entra em ação na interação social, que é marcada pelas relações de poder e luta de classes que, por sua vez, influenciam a forma e o conteúdo dos discursos.

As particularidades do signo

As coletivas de imprensa demonstram que a linguagem, enquanto signo, manifesta-se nas suas diferentes particularidades, conforme destacado por Volóchinov (2017 [1929]). Ao analisar essas coletivas sob a ótica das quatro características do signo descritas pelo autor, pode-se compreender melhor o papel da linguagem na formação de consciências e na dinâmica das interações sociais.

a) A palavra é um signo neutro, pois não tem compromisso necessário com nenhum campo ideológico específico, pode assumir qualquer função:

Nas coletivas de imprensa, a palavra, enquanto signo, é intrinsecamente neutra no sentido de que pode ser mobilizada para servir a diferentes propósitos ideológicos. Um mesmo termo, por exemplo, pode ser utilizado tanto para justificar ações governamentais quanto para criticá-las. A palavra “crise”, por exemplo, pode ser empregada pelo governo para destacar a necessidade de medidas excepcionais, enquanto pela oposição pode ser usada para criticar a gestão vigente. Essa neutralidade do signo permite que ele se adapte às intenções dos interlocutores e desempenhe várias funções dependendo do contexto do discurso.

b) A palavra é o material mais usual da comunicação cotidiana:

As coletivas de imprensa são eventos de comunicação pública que se inserem na vida cotidiana dos cidadãos. A palavra, nesses contextos, é o veículo principal para a transmissão de informações e para a construção de narrativas que direcionam a percepção pública. Como material usual da comunicação cotidiana, as palavras utilizadas nas coletivas são acessíveis ao público em geral, facilitando a disseminação e a internalização das mensagens transmitidas. Além disso, as palavras empregadas em coletivas de imprensa, sendo parte do discurso cotidiano, contribuem para a formação de valores axiológicos na esfera pública.

c) A palavra é o material sógnico da vida interior, ou seja, compõe a consciência, aquele “fluxo de palavras”:

Durante as coletivas de imprensa, as palavras proferidas pelos líderes e jornalistas não apenas informam, mas também influenciam a formação da consciência dos ouvintes. Cada indivíduo, ao ouvir e processar as palavras ditas, incorpora essas informações em seu fluxo de pensamentos, o que Volóchinov (2017 [1929]) chama de “vida interior”. A repetição de certos termos ou a ênfase em determinadas ideias durante as coletivas buscam influenciar a maneira como o público compreende e internaliza a realidade social e política. Essa dinâmica demonstra como a palavra, enquanto signo, desempenha um papel central na formação da consciência individual e coletiva.

d) A palavra acompanha todo ato de criação ideológica:

Nas coletivas de imprensa, a palavra não apenas comunica, mas também participa ativamente da construção de ideologias. Cada enunciado feito pelos oradores, seja para justificar políticas públicas, criticar os oponentes ou influenciar a opinião pública, carrega uma carga axiológica que visa influenciar a percepção do público. Em tal situação, a palavra é o meio pelo qual as ideologias são propagadas, debatidas e contestadas. Essa característica fortalece a noção de que a linguagem é um fenômeno ideológico e social que está ligado às práticas e relações de poder.

Reflexão e refração da realidade

Sabe-se que o signo ideológico reflete a realidade, mas essa reflexão nunca é neutra ou objetiva; ela é sempre refratada, isto é, distorcida pelo ponto de vista e pelas intenções sociais do orador. Esse processo de refração é essencial para a construção de uma narrativa que serve aos interesses ideológicos do discurso.

No discurso de Bolsonaro, a reflexão está presente na identificação dos problemas sociais e de saúde pública trazidos pela pandemia. Ele menciona o desemprego e o vírus como problemas que exigem ações do governo, o que reflete a realidade vivida por milhões de brasileiros. Além disso, ao falar das medidas econômicas, como a rolagem de dívidas e o adiantamento de recursos para estados e municípios, Bolsonaro está refletindo ações concretas tomadas pelo governo para mitigar os impactos da pandemia.

A refração, por sua vez, se evidencia quando Bolsonaro afirma que as mortes poderiam ter sido evitadas com o uso da cloroquina, apesar da falta de comprovação científica para tal afirmação. Essa refração da realidade científica cria uma narrativa que desvia a responsabilidade do governo pelas mortes ocorridas, atribuindo a culpa a uma suposta falta de alternativas por parte dos críticos do medicamento. Uma política pública controversa e amplamente criticada pela comunidade científica internacional é aqui justificada e legitimada por meio da refração.

Volóchinov (2017 [1929]) enfatiza que toda comunicação é impregnada de ideologia, e isso é visível na maneira como Bolsonaro estrutura seu discurso. Ao posicionar o governo como proativo e moralmente superior, o político usa a refração para influenciar como o público percebe suas ações; isso transforma medidas que foram amplamente questionadas em sucesso. A ausência de denúncias de corrupção fortalece a ideia de que o governo não é corrupto,

refletindo novamente a preocupação pública, mas a evitando ao sugerir que é melhor do que governos anteriores.

Além disso, a refração se manifesta na forma como ele lida com a questão do desemprego. Bolsonaro compara o desemprego com o vírus e usa a realidade socioeconômica para argumentar que a economia deve permanecer aberta, mesmo com medidas de saúde pública mais severas. Essa refração permite que o presidente se posicione como defensor da vida, contudo, dentro de uma lógica que subordina a saúde pública à manutenção da economia.

Bakhtin (2010 [1963]) discute como a linguagem é essencialmente dialógica; as palavras carregam o eco de outras vozes, e nunca são neutras. Este conceito é adequadamente aplicável ao discurso de Bolsonaro, pois sua linguagem não apenas reflete e refrata várias vozes sociais, mas também é construída para promover uma narrativa específica que sustenta suas ações. A tentativa do político de responder às críticas e impor sua narrativa como a mais forte é um exemplo da dialogia discutida por Bakhtin. A análise do discurso de Bolsonaro indica como a reflexão e a refração não são processos separados, mas interligados e essenciais para a construção de narrativas políticas. A refração da realidade científica e social, realizada por meio da linguagem, é uma estratégia discursiva poderosa que visa legitimar políticas e decisões que, de outra forma, seriam altamente contestadas.

Também, o discurso de Bolsonaro exemplifica como os signos ideológicos são arenas onde se desenrolam confrontos de interesses sociais. Bolsonaro (2020) apresenta o governo como proativo e eficaz no combate à pandemia e ao desemprego. Ao afirmar que “(...) a vida não tem preço, mas o desemprego leva à depressão e leva também à doença e à morte.”, ele justifica as ações econômicas do governo e promove a cloroquina como uma solução viável para a crise de saúde. Além disso, ao declarar que “(...) aqueles que criticaram a hidroxicloroquina não apresentaram alternativas”, Bolsonaro confronta seus críticos, deslegitimando suas posições e apresentando o governo como a única entidade verdadeiramente proativa na luta contra a pandemia.

O discurso de Bolsonaro é dialógico, interagindo com diferentes audiências e perspectivas. Uma maneira de lidar com a oposição é criticar aqueles que se opõem à cloroquina. Isso também ajuda a criar uma impressão pública de que o governo tinha uma solução viável para o problema, que outros ignoraram. Nesse sentido, o grito “Mito, mito, mito”, que foi emitido por defensores de Bolsonaro, consolida sua posição e fortalece a união entre os defensores do governo, reforçando a narrativa proferida, e demonstrando como o discurso é intrincado e dinâmico na construção de significados sociais.

Signo ideológico e consciência social

Volóchinov (2017 [1929]) destaca que a consciência humana não é uma entidade autônoma e isolada, mas está intrinsecamente ligada aos signos ideológicos que emergem na interação social. No caso do discurso de Bolsonaro, percebe-se que esses signos ideológicos são mobilizados para atuar sobre a percepção pública de sua administração e das questões críticas da pandemia.

Quando Bolsonaro (2020) se apresenta como “(...) a prova viva que deu certo”., no contexto do uso da cloroquina, ele não está apenas fazendo uma alegação pessoal, mas está utilizando

um signo ideológico que visa construir uma narrativa de eficácia pessoal e governamental. Essa afirmação reforça sua autoridade e credibilidade, posicionando-o não só como líder, mas como um exemplo encarnado de sucesso. Volóchinov (2017 [1929]) argumenta que a consciência é determinada por uma combinação de signos, cujos conteúdos são de natureza social. Esse signo de eficácia é, portanto, projetado para ressoar com um público que busca segurança e certeza em tempos de crise, reconfigurando a consciência coletiva em torno da ideia de que o governo, e especificamente Bolsonaro, possui as soluções para os desafios enfrentados pelo país.

Além disso, ao destacar a ausência de corrupção em seu governo, Bolsonaro utiliza o signo ideológico da moralidade para contrapor sua administração a governos anteriores, ou a outros que possam ser percebidos como moralmente ineficientes. Este signo possibilita reforçar a imagem de um governo eficaz e ético, criando um distanciamento moral claro entre seu governo e os demais. Ao fazer isso, ele direciona a consciência social em torno da percepção de que sua administração é moralmente superior e, portanto, mais digna de confiança e apoio. Volóchinov (2017 [1929]) observa que a ideologia é sempre ligada a uma determinada classe social, refletindo e refratando seus interesses. Assim, Bolsonaro tem em vista, além de legitimar suas ações, também criar uma divisão axiológica que favoreça sua posição.

A manipulação desses signos ideológicos se intensifica quando Bolsonaro (2020) afirma que “(...) mais de 100.000 pessoas morreram no Brasil, que casos tivessem sido tratadas lá atrás com esse medicamento poderiam essas vidas terem sido evitadas”. Aqui, o signo ideológico está sendo usado para reescrever a narrativa da pandemia, de modo a sugerir que a tragédia poderia ter sido evitada se o governo tivesse tomado as medidas certas desde o início. Essa declaração desloca a responsabilidade de seu governo pelas mortes e instaura uma nova estrutura ideológica, na qual os críticos e aqueles que rejeitaram o uso da cloroquina passam a ser responsabilizados. Assim, Bolsonaro está ativamente influenciando o público a ver sua administração como uma vítima de injustiças cometidas por outras pessoas, ao mesmo tempo em que ridiculariza e culpabiliza os que o criticam, rotulando-os como culpados indiretos pelas mortes.

Esse uso estratégico dos signos ideológicos, como descrito por Volóchinov, permite observar uma camada profunda do discurso de Bolsonaro, no qual cada palavra e declaração é impregnada de uma intenção ideológica. Ao manipular esses signos, Bolsonaro reflete e refrata a percepção pública. Ele não apenas afeta a forma como as pessoas veem a realidade, mas também como devem entender a eficácia e a moralidade de sua administração durante a crise. Seu discurso político mostra como existe uma luta constante pela hegemonia das narrativas e das consciências.

Plurivalência social do signo

O discurso de Bolsonaro pode ser interpretado como uma manifestação da plurivalência social do signo ideológico, um conceito central na teoria do Círculo BMV. A plurivalência refere-se à capacidade do signo ideológico de adquirir diferentes significados conforme o contexto social e político em que é interpretado. Como Volóchinov (2017 [1929], p. 113, ênfase no original) aponta, a “(...) *multiacentuação* do signo é um aspecto muito importante (...)”, o

que significa que ele pode ser entendido de maneiras radicalmente distintas dependendo das posições sociais e políticas dos ouvintes.

Para os apoiadores de Bolsonaro, o discurso é visto como uma reafirmação do sucesso e da liderança do governo. Esses ouvintes validam o uso da cloroquina e acolhem as críticas aos opositores como uma demonstração de força e resolução frente à crise. A perspectiva desses ouvintes é condicionada por uma interpretação que enfatiza a eficácia e a moralidade do governo, na qual o discurso é incorporado em uma consciência social que já está predisposta a aceitar essas narrativas.

Por outro lado, para os críticos de Bolsonaro, o mesmo discurso é interpretado como uma tentativa de desviar a atenção das falhas no manejo da pandemia e de promover uma narrativa pseudocientífica. Esses ouvintes percebem a ênfase na cloroquina como uma manipulação da verdade científica, utilizando o discurso como uma ferramenta de refração ideológica. Aqui, a refração é utilizada por Bolsonaro para criar uma narrativa que favorece seu governo, ao mesmo tempo em que distorce a percepção pública sobre a eficácia de suas políticas.

A análise do discurso de Bolsonaro, à luz dos conceitos de signo ideológico e interação discursiva de Bakhtin e Volóchinov, demonstra que a linguagem é utilizada como um instrumento de poder e refração ideológica. As coletivas de imprensa, como exemplificado, tornam-se arenas de luta de classes, onde diferentes narrativas se confrontam, e a linguagem atua como um campo de batalha para agir sobre a consciência social. O discurso de Bolsonaro reflete a realidade da pandemia e das ações governamentais, mas refrata essa realidade para construir uma narrativa que beneficia o governo, manipulando a opinião pública e justificando decisões controversas.

Considerações finais

A análise das coletivas de imprensa sob a perspectiva do Círculo BMV possibilita compreender a profunda complexidade do discurso político e a maneira como ele atua na formação da consciência social. O conceito de signo ideológico, central nas obras de Bakhtin e Volóchinov, oferece um poderoso instrumento para entender como a linguagem, longe de ser uma simples ferramenta de comunicação, se torna uma arena de luta ideológica, onde diferentes vozes e interesses se confrontam e se articulam.

As coletivas de imprensa, como demonstrado ao longo deste estudo, exemplificam de maneira vívida a plurivalência do signo ideológico. Elas são espaços onde as palavras refletem e refratam realidade, criando novas posições de valores axiológicos que servem aos interesses daqueles que as pronunciam. No caso específico dos discursos de Bolsonaro, observa-se como esses signos são mobilizados para construir narrativas que justificam políticas públicas, deslegitimam críticas e influenciam a percepção pública de sua administração.

A linguagem, como afirmam Bakhtin e Volóchinov, é essencialmente dialógica e carrega consigo o eco de outras vozes, sendo sempre impregnada de ideologia. Esse caráter dialógico se manifesta nas interações entre governo, imprensa e público, nas quais cada grupo interpreta e reage aos signos ideológicos conforme suas próprias posições axiológicas e interesses sociais. A luta pela hegemonia das narrativas nas coletivas de imprensa exemplifica o dialogismo dos

teóricos russos, demonstrando que múltiplas vozes coexistem, competem e se entrelaçam em um discurso que é ao mesmo tempo pessoal e social, singular e coletivo.

Concluindo, a análise de coletivas de imprensa sob a ótica dos estudos do Círculo de Bakhtin, tais como a apresentada neste artigo, pode iluminar os mecanismos pelos quais a linguagem constrói e refrata a realidade, além de revelar a importância de compreender o discurso político como um campo dinâmico de confrontos ideológicos. As palavras, como signos ideológicos, não são neutras; elas são carregadas de intenções e refletem as lutas sociais em curso. Compreender essa dinâmica é de suma importância para desvelar as estratégias de poder e controle que permeiam os discursos políticos, e para participar de maneira mais crítica e consciente no debate público.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Organização, tradução e introdução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. revista. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. [1963]

BOLSONARO, J. Discurso em evento no Pará. 13 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nR-hZkR3sLI>. Acesso em: 11 ago. 2024.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Paraná: Criar edições, 2003. p. 45-108.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1991].

GRILLO, S. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX (ensaio introdutório a Marxismo e filosofia da linguagem). In: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019 [1928].

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. **Os gêneros do discurso sob perspectiva da análise dialógica de discurso do círculo de Bakhtin**. Letras, [S. l.], n. 40, p. 147–162, 2010. DOI: 10.5902/2176148512149. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12149>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Edição crítica organizada por Tullio de Mauro. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix. 2017

SEIDEL, A.; SILVA, T. **Reflexões sobre a linguagem: perspectivas bakhtinianas**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

STELLA, J. **A palavra na enunciação do sentido: estudos de linguística e semiótica discursiva**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

THOMPSON, J. B. **Ideology and Modern Culture: Critical Social Theory in the Era of Mass Communication**. Polity Press, 1990.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLOCHÍNOV, V. N. A palavra e sua função social. In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João editores, 2013a [1930].

VOLOCHÍNOV, V. N. Que é linguagem? In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João editores, 2013b [1930].